

PREÂMBULO

MIOPIA EXISTENCIAL

A vida executiva, competitiva, que muitos levamos, calcada em investimentos, lucros, acúmulos de teres e haveres, despreocupada comumente de princípios espirituais, éticos e decência, desvinculada de valores da preservação ambiental e cultural, nos torna existencialmente míopes. Um planeta magistral que nos hospeda, porém com gravíssimos desequilíbrios demográficos e climáticos, problemas sociais de toda ordem e quantos de nós, seus inquilinos enceguedos, jogadores inveterados, inebriados de ganância, petulância – a mais lamentável ignorância!

Somos culturalmente condicionados ao sucesso social, à exaltação de nossa imagem perante os outros; extasiamo-nos com o prestígio, a fama, a riqueza, o poder, prêmios, o reconhecimento do meio. Perdemos-nos, outrossim, em meio às invejas, frustrações, sensação de fracasso caso não alcançamos tais padrões – quão efêmeros e circunstanciais. Olvidamos que, em tudo, o mais importante é a nossa paz interna, a procura da harmonia realizadora, a síntese entre nós e a realidade circundante. “Não são as circunstâncias que nos fazem felizes, mas a nossa maneira de olhar essas circunstâncias”, receitava Epíteto, filósofo grego, há mais de dois milênios.

Aprendemos, nas operações elementares e na contabilidade terrena, a somar, a multiplicar. Patrimônios, títulos, prazeres. Torcemos o nariz ao se ouvir falar em diminuir e principalmente dividir. Assim agindo, ao mudarmos de escola, vencido o período ou

estágio da vida física, transferidos compulsoriamente para outras dimensões e educandários, teremos, decerto, surpresas. O que dividimos aqui, os desapegos, as renúncias feitas em prol do próximo e da sociedade, tornam-se créditos valiosos acolá.

Há quem afirme que perante a Contabilidade Divina, todos somos devedores. E que Deus, Pai Magnânimo, Justo, expressão da mais Suprema Bondade, concede-nos sempre os créditos necessários à nossa evolução; parcela-nos Ele todos os débitos, por maiores que sejam e jamais cobra juros. Temos, todavia, que ressarcir, até o último ceitel, o Erário Eterno (Mt 5,25-26).

Deixamo-nos entorpecer, cerramos olhos e ouvidos, extasiamo-nos com o glamour das moedas tilintantes, mergulhamos no conforto inócuo, a orquestra do prazer fácil que toca, enquanto nos desapercebemos do alarme, a soar insistente, o navio prestes a afundar, e não há coletes salva vidas, nem botes, nem terra à vista...

Há uma única fórmula para nossa ascense: o amor. Receituário evangélico, divino. Sermos e estarmos presentes na vida do próximo e da humanidade, a eles manifestarmos nosso amor, nosso comprometimento, nosso desapego. O amor é remédio para todos os males, só ele permanece, somente ele habita o território da eternidade e reverencia a Divindade em nós. Como afirmou o Mahatma Gandhi: “Só o amor cura, nutre, une, entusiasma, faz nascer, alivia, materializa, motiva, possibilita a vida”.

AO PÉ DA FOGUEIRA

CASA DE TOLERÂNCIA

A casa, em uma das ruas na área nobre da cidade, tornou-se requisitada ao longo do dia. Movimento, inicialmente, até discreto, espaçado, ritmado. Parecia consultório com horários marcados, definidos. Clientela ressabiada, silenciosa, olhares para o chão, rostos disfarçados sob chapéus, óculos escuros, até mantilhas e lenços. Estranhos uns, conhecidos outros, de ambos os sexos, ali na raia.

A vizinhança observava entre cautelosa e infamada a travessia de homens e mulheres por aquelas eiras. Uma casa de tolerância e de encontros, ao que parece, sutilmente se instalara por ali. Eram tempos ainda de recato, de pudor...

Família constituída dentro dos padrões convencionais. O marido, homem de lides rurais, saía pelo amanhecer, retornando ao crepúsculo. A esposa, de labores domésticos, cuidava da casa e das crianças, duas ou três, algumas pequenas, as maiorzinhas, já frequentando escola. Com a sua anuência, ela própria coadjuvante e parceira daquele inusitado “rendez-vous”.

O vaivém e a “bateção” de pés de terceiros em seu terreiro e dali ao amarfanhar de lençóis e travessieiros, parece ter chegado aos ouvidos, aos olhos e narinas do marido; que tomou uma singular decisão, escrevendo no portão de entrada um peculiar aviso:

- Cuidado! Entrada proibida! Cão bravo!



Dali a um ou dois dias, alguém, decerto pela madrugada, por gracejo ou quem sabe um dos usuários da alcova alheia, grafitou,

uma ou duas réguas abaixo:

- Mas a cadela é mansa!

ADIVINHAS

- 1- Qual é o casal que nunca se encontrou?
- 2- Um pau de doze galhos, Cada galho tem seu ninho, Cada ninho tem seu ovo, Cada ovo um passarinho?
- 3- Qual é o mês mais curto?
- 4- O que é que todos têm dois, você tem um e eu não tenho nenhum?

Respostas: 1- A noite e o dia; 2- O ano; 3- Maio, só tem quatro letras; 4- A letra "o".

Provérbios e Adágios

- Embora coxeando o castigo segue o crime.
- O diabo, depois de velho, se faz ermitão
- Onde não há lei, perde-se el-rei.
- O prato não é para quem o faz, mas para quem o come.
- O proibido aguça o dente.
- * O que não se faz no dia de Santa Luzia, faz-se no outro dia.
- * Não se pode o orador deixar-se levar pelo furor.

Para refletir:

Na sua forma original em latim, sacrifício significa 'tornar sagrado' ou 'tornar santo'. Quando estamos completamente comprometidos com a criação dos filhos, mesmo que de uma forma imperfeita, vulnerável e confusa, nós estamos tornando alguma coisa sagrada".

(Brené Brown, "A coragem de ser imperfeito")

Compaixão não é uma relação entre o curador e o ferido. É uma relação entre iguais. Somente quando conhecemos bem a nossa escuridão, podemos nos mostrar presentes na escuridão do outro. A compaixão se torna real quando reconhecemos a humanidade que compartilhamos".

(Pema Chodron, monja budista americana)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

OBSERVAÇÕES E COMENTÁRIOS

1- Reiteramos, uma vez mais, que o material elaborado e divulgado pelo boletim é fruto de pesquisas e anotações colhidas quer junto a fontes orais, quer junto a repositórios escritos (quando possíveis). Trata-se de um trabalho em equipe e que passa, ademais, por revisões, limitadas às disponibilidades e capacidades de nossos membros.

Daí persistem, por vezes, falhas, erros, em parte de origem gráfica, perfeitamente compreensíveis e pelas quais nos excusamos.

O boletim não tem, por isso mesmo, propósitos e sequer pretensões de cunho literário, histórico-científico, estilístico e sua função é tão somente a de registrar a memória local e regional adjacente, servindo de referência ou fonte de pesquisa para eventuais trabalhos (folclóricos, culturais, etc.) e como resgate informativo de nossas ricas tradições e valores.

2- Liteira – A comunidade continua aguardando a restauração da liteira, valiosíssima peça histórica do século XIX, que hoje compõe o nosso memorial. Promessas de levantamento de recursos pela Prefeitura, sob coordenação do Conselho Municipal de Cultura já se arrastam, há anos, transformando-se numa novela. Enquanto isso, o móvel (veículo de transporte de passageiros de tração animal) vai se deteriorando, a olhos vistos.

Entendemos que as autoridades e órgãos responsáveis deem uma posição oficial final e se afirmativa, mãos à obra!

Ou sim, ou não!

Aliás a propósito uma outra pergunta: o repasse de ICMS Turístico e Cultural do Estado para a Prefeitura já foi regularizado (e que segundo consta, tinha sido suspenso por atrasos na prestação de contas)? Afinal são verbas que nenhum município pode abrir mão ...

3- Oficina operacional para idosos – observamos a carência de espaço próprio, específico para idosos em nosso meio. Oficinas de artes, lazer, terapia. Assunto para o Poder Público!

4- Velório – A cidade necessita urgentemente de velório em maiores dimensões. O costume de velório domiciliar pelas suas implicações familiares, profiláticas, sociais, acha-se em desuso. Ou a Paróquia, proceda a ampliação do atual velório ou que algum empresário faça investimento de porte no setor.

5- Lei do silêncio – Parece que muita gente desconhece a existência e a vigência da chamada "Lei do Silêncio". Inadmissível, pela meia noite, madrugada, carros em alta velocidade, buzinação, som alto e com músicas indecorosas à solta, geralmente conduzidas por jovens.

Igualmente, há reclamações contra o funcionamento noturno de indústrias. Barulho de maquinários, conversas em tom alto de funcionários e até mesmo carregamento de mercadorias, veículos etc.

Assunto para a municipalidade, Assoc. Comercial, Assabiscoito que poderiam elaborar um manual/roteiro de posturas, divulgando-o junto às empresas em geral.

Os cidadãos, que precisam dormir à noite e trabalhar durante o dia, agradecem.

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



BANDA MAGNATAS SHOW COMPLETOU 40 ANOS

O ano de 2014 foi marcante para a Banda Magnatas Show que comemorou seus 40 anos de fundação. Na estrada, há muito tempo, tem muitas histórias para contar. O conjunto que começou timidamente com um grupo de jovens entusiasmados pela música e pela tendência de grandes bandas da época, como Beatles e outros; inspiraram o simples desejo de se unirem para ensaios a formar um conjunto musical com estilo diferente dos existentes na cidade naquela época. E, nesta empreitada, contou com importantes pessoas da comunidade tanto no trabalho dos bastidores, quanto nos palcos e na promoção da Banda. Flávio Ribeiro um dos idealizadores conta-nos a história.

SABORES E SABERES: *A banda sempre teve este nome? Como tudo começou?*

FLÁVIO: No início o nome da Banda foi “Magnatas do Som”, porém, no decorrer das apresentações em fins da década de 90, foi mudado para Magnatas Show, porque o primeiro nome remetia à sonorização



e o atual nome traz o objetivo principal pela qual foi fundada, shows. A Banda foi idealizada por mim no início de 1974, quando eu mais alguns amigos resolvemos levar a ideia adiante com grande apoio do meu saudoso pai, Vicente Ribeiro, que foi nosso provedor, nos ajudando a comprar os primeiros instrumentos e do sócio José Alberto da Mata. Nossa primeira apresentação foi em 28 de junho do mesmo ano na Escola de Mercês de Água Limpa, a banda ainda não estava completa, era eu, Carlos Alberto, Danilo e tivemos a participação do Carlos Henrique, filho do Sr. Coccoza, como cantor. Daí por diante, tivemos diversas apresentações em São Tiago, nos clubes e na escola. Depois começamos nossas apresentações na região. Na década de 90, a empresária, Rosângela Marques, nos levou para fazer shows em vários locais de destaque na capital mineira. Com isso, nossa popularidade cresceu ainda mais.

SABORES E SABERES: *Qual foi o objetivo de formar primeiramente um conjunto musical?*

FLÁVIO: Quando tivemos a ideia de criar a Banda, eu e Carlos Alberto sonhávamos em fazer shows, de cantar, de tocar, de animar as pessoas não só em São Tiago, mas em outras cidades. Na época havia conjuntos musicais famosos como Beatles e outros, com isso, nos espelhávamos na performance desses para também desenvolver e criar um estilo nosso. E isso deu certo! Fato que, depois disso, fazíamos inúmeras apresentações em quase todos os finais de semana por um bom período.

SSABORES E SABERES: *Quais foram os primeiros integrantes?*

FLÁVIO: Começamos eu e o Carlos Alberto com a Banda, tampouco já tivemos que ampliar o quadro de músicos. Convidamos para participar o Danilo do Jackson para ser o baixista, o Antônio Nilson para ser o guitarrista base e tínhamos de ter um vocalista base de frente; com isso, Carlos Alberto, mesmo sendo o baterista, assumiu mais essa função na Banda. Com o passar do tempo, convidamos o Messias das Dores, filho do Miguel da Joaquina para ser o vocalista de frente e,



por último, o Dimas Leonardo para ocupar a função de saxofonista e eu na guitarra.

SABORES E SABERES: *A Banda era composta somente de homens? Quando houve a presença de mulheres?*

FLÁVIO: Algum tempo depois começamos a fazer shows em festas de casamento, aniversários e eventos variados. Daí surgiu a ideia de colocar mulheres também como cantoras da banda. Embora tenham passado muitas, vamos registrar aqui as primeiras: Vanda do Jandir (em algumas participações), Mara do Cará, Marilda Ribeiro, Stefânia Alves e muitas outras que vieram depois.

SABORES E SABERES: *A Banda Magnatas foi inspiração para outras bandas?*

FLÁVIO: A partir da fundação da Banda, várias foram as pessoas que quiseram se inspirar nos Magnatas para fazer as suas. Alguns integrantes que por aqui passaram criaram outras bandas. Tivemos a banda Projétil B que era formada por garotos que sonhavam em ser como os Beatles, nisso, o estilo e a música seguiam na risca como a apresentação de seus ídolos. O grupo Projétil B era composto pelos músicos, Mário Ribeiro (Deuma), Cineu Sousa, Cardoso e Reginaldo Moraes (Nalo). Também tivemos outros conjuntos musicais de destaque, como: Águias do Som, Escalibur, Novos Rumos, Fogo Fátuo. Na atualidade outros conjuntos se formaram tendo por inspiração o Magnatas, como a Banda Kimew e outras.

SABORES E SABERES: *Existem duas pessoas que se tornaram significativas na condução da banda quem são elas?*

FLÁVIO: Uma delas é meu pai, Vicente Ribeiro, o Nhô. Apoiador máximo do empreendimento. Conseguiu os primeiros instrumentos, fundou o Clube Magnatas para nossa banda ter um local próprio para os ensaios e apresentação da banda. Viajou muitos anos com a banda e foi o “Pai do Magnatas”, mesmo. Até quando a banda se encontrava sem condições financeiras, o apoio era certo de sua parte, nunca nos abandonou. Sempre ali presente e incentivando. Com seu grande conhecimento na área empresarial, por trabalhar com padaria, me ensinou a administrar os negócios da banda. A outra pessoa é a minha mãe, dona Aparecida Ribeiro, ela é considerada a âncora principal. Desde antes de iniciarmos a banda, foi ela quem nos motivou a criar este conjunto musical e, após a sua criação e até nos dias de hoje, cuida da parte de toda a alimentação e da hospedagem dos músicos, que hoje na sua maioria são de fora. Muitos a chamam até de “mãe” pelo carinho e atenção pelos quais presta à Banda e a seus músicos. Atualmente quem tem nos ajudado muito na área administrativa é a Luciana Ferreira, minha atual esposa.



Marcus Santiago

Magnatas do Som - década de 90

A QUEDA DA MULA - O MENINO PRESIDENTE E O TROPEIRO

Daquela vez, por mais uma vez, missão plenamente cumprida. Como de hábito, o que se repetia duas, três ou até mais ocasiões por mês, a tropa, após o estafante itinerário, descansava já à soleira do casarão e agitado entreposto comercial da Rua Direita, proximidades da Igreja Matriz do Pilar, em pleno centro de São João Del-Rei. Visível o cansaço nos olhos do tropeiro e de todos os seus ajudantes recoveiros. Carga descarregada no interior do armazém de São Chico Neves, um de seus muitos e diletos clientes, amizade construída, entrelaçada ao longo de muitos anos e negócios.

Zé Rezende⁽¹⁾, o experiente tropeiro, eleva as mãos em concha – como sempre o fazia, ao fim de mais uma rota – volta-se em direção à imponente Matriz de Nossa Senhora do Pilar, ali próxima, a tão poucos passos e agradece o amparo e bênçãos recebidas em mais aquele roteiro. Estende suas preces ainda a São Tiago Maior, orago qual a Senhora do Pilar de devoção espanhola e respectivos padroeiros das cidades de rotineiro trânsito do tropeiro: São Tiago e São João Del-Rei. Um grupo de crianças travessas, inclusive algumas da casa, pululando por todos os cantos.

Rota que demandava em torno de dois dias de forcejada viagem. Atoleiros, montes, rios – saindo de São Tiago ao alvorecer, com paradas em fazendas e ainda em Santa Rita do Rio Abaixo, e dali, após atravessar o Rio das Mortes em balsa, a Estação de Ibitutinga sempre conduzindo lotes - e dos grossos - de produtos para o abastecimento de São João, dali redistribuídos para outras cidades e mesmo para a Corte: polvilho, charques, cereais, farinhas, café, aves, queijos, manteiga, açúcar mascavo, devidamente acondicionados nas cangalhas e garajaus.⁽²⁾

Na volta, produtos e mercadorias encomendados e adquiridos por comerciantes e fazendeiros de São Tiago – uma parte embarcada já em São João Del Rei⁽³⁾ e outra na Estação de Ibitutinga: ferragens, louças, calçados, armarinhos, tecidos, bebidas, arames, sacas de farelo e cereais em geral.⁽⁴⁾

Alimárias em repouso, aquietadas, na sesta, sem as cangalhas de 12 arrobas no lombo, todo o molesto fardo já descarregado. Zé Resende procedendo os acertos no interior do armazém. Os companheiros de viagem no pátio, retornando com as cangalhas e canastras já esvaziadas ou recepcionando alguma carga de retorno. Súbito alvoroço vindo dos lados da rua. Gritos de socorro, choro de criança, um súbito mistifório. Num minuto de descuido dos adultos, tempo suficiente para que algumas crianças, garotada leda, levada, como pequenos aprendizes de cavalaria, (desejavam dar um passeio a cavalo, assim afirmaram depois), subissem sobre o arcão da sela⁽⁵⁾, no intuito de montarem as bestas. Animais treinados especificamente para o transporte de cargas, portanto indômitas à cavalgada humana, e que, decerto, sentiram-se molestadas, assustadas pelo assédio das crianças, levantaram-se inopinadamente, lançando dois ou três dos petizes ao chão, ao rés da centenária calçada. Conhecidas traquinagens, travessuras infantis. Um deles, ferira-se levemente. Pequenas escoriações de visu. Estava ali bastante atemorizado, trêmulo, choroso. Era ele, aí pelos seus 8 anos, filho do dono do armazém. O nome do garoto: Tancredo.

Ante o alvoroço provocado, gritos, aglomeração de transeuntes, todos – pais, demais familiares, empregados, tropeiros, transeuntes – se dirigem, incontinentes, ao local onde a criançada se concentrava. O menino assustado, rapidamente, é conduzido ao interior da residência, onde são processados os primeiros socorros. A casa se alvoroça, enche-se de pessoas. Às pressas, um médico é chamado, ou melhor,

por coincidência reside ali perto, amicíssimo da família Neves e já uma das maiores referências da medicina em São João del-Rei e do País. É ele o dr. Antonio de Andrade Reis⁽⁶⁾, são-tiaguense de origem, conhecido e amigo igualmente do tropeiro, que localizado, num átimo, chega à residência. Ferimento superficial, procedida a devida assepsia, verifica-se tratar-se de pequeno talho e arranhaduras, algo sob inteiro controle. Nada de maior gravidade. Algum medicamento receitado, a recomendação de repouso e lá se despede Dr. Andrade Reis, entre os agradecimentos e reconhecimento de todos.

O tropeiro, sobressaltado, estremunhado ante o singular acontecimento. Faz-se presente o tempo todo, acompanha integralmente o período de atendimento à criança. Solidariza-se com a família, sentindo-se corresponsável – decerto, faltara maior vigilância por parte de seus auxiliares, deixando as mulas sem a presença, pelo menos, de um dos almocreves, num momento em que crianças com a singeleza da cidade, (desconhecendo os riscos no trato com animais de maior porte, não adestrados para montaria, acostumados apenas a serviços brutos, e ao trato e manejo apenas de seus peões), brincavam por perto.

Concluídos os cuidados com o petiz “cavaleiro”, cuja queda não gerou nenhuma sequela. Zé Resende ali ainda permaneceu, algum tempo, em apoio à família, só se retirando, após verificar a inteira recuperação do acidentado. O fato solidificou e consolidou a amizade entre o tropeiro e a família Neves, relação que se estendeu ao menino, que ganhou a afeição maior do tropeiro, visitando-o e levando-lhe, doravante, mimos especiais (frutas, doces, quitandas de São Tiago) toda vez que ia até São João. E Tancredo, após crescer, tornar-se político consagrado, sempre enviava cartões e presentes ao velho tropeiro e amigo de família, quando vinha a São Tiago jamais deixou de visita-lo, até o falecimento de Zé Rezende em 10/11/1965.

A criança que um dia, levava, inabilmente, tombo de uma “mula de carga”, viria a se tornar um cavaleiro mestre da oratória e da política, galgando os píncaros da política brasileira, elegendo-se, com brilhantismo, para os mais diversos cargos públicos, inclusive o de Presidente da República.



BIOGRAFIA TANCREDO NEVES

Tancredo de Almeida Neves nasceu em São João del-Rei em 04/03/1910, filho de Francisco de Paula Neves e d^a Antonina de Almeida Neves. Advogado, empresário e político brasileiro. Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (1932), exercendo, durante algum tempo, as funções de Promotor Público (ver “causo” Tancredo e o barbeiro em anexo) Iniciou a vida política como vereador em S. João del-Rei pelo Partido Progressista (1935-1937), filiando-se depois ao Partido Social Democrático-PSD. Com a extinção do PSD e demais partidos políticos pelo regime militar, filiou-se ao MDB (atual PMDB). Foi deputado estadual (1947-1950) e federal por vários mandatos. Ministro da Justiça e dos Negócios Interiores (1953-1954). Diretor do Banco do Brasil (1956-1958). Secretário da Fazenda do Estado de Minas Gerais (1958-1960) Primeiro ministro no regime parlamentarista (1961-1962). Senador da República (1978-1982); governador de Minas Gerais (1983-1984). Presidente eleito do Brasil, não chegando a tomar posse, falecendo em São Paulo, no dia 21/04/1985, causa mortis “septicemia”.

Um dos maiores políticos e homens públicos brasileiros do século passado, Tancredo era casado com d^a Risoleta Tolentino Neves, com quem teve três filhos, tendo passado o cetro político para seu neto Aécio Neves da Cunha, ex-deputado, ex-governador de Minas e atualmente senador da República.

NOTAS

(1) José Rezende dos Santos nasceu no local “Córrego da Batalha” ou “Córrego Areado”, entre os Municípios de Oliveira e Passa Tempo, em 23/10/1888 Tornar-se-ia tropeiro por profissão. Ainda criança, com seus 8 anos, começou a trabalhar como candeeiro de bois, em companhia de um tio, de nome Quirino, conduzindo cargas até a estação de Ibitutinga em Santa Rita do Rio Abaixo, atividade que lhe deu considerável experiência profissional. A estação de Ibitutinga era, naqueles tempos, o ponto de distribuição de grande parte da produção regional, abastecendo as cidades e povoações mineradoras ao entorno do Rio das Mortes. Ao completar 15 anos, passou a trabalhar com muares, e já aos 18 anos, tinha montado tropa por conta própria, passando a realizar viagens constantes, conduzindo toda sorte de mercadorias, abastecendo fazendas, povoados e cidades da região e chegando até São João del-Rei, tendo que atravessar o rio das Mortes, naqueles tempos, em barca. Cada mula carregava em torno de 12 arrobas. Estendia seu périplo por outras estações como a de João Pinheiro. Chegou a realizar viagens mais distantes até Congonhas, Mariana etc. Trabalho sacrificial, estafante, enfrentando intempéries, lama, enchentes, roubos de cargas, atoleiros, vendavais, desconforto e fadiga incessantes.



José Rezende fixou-se, a partir de 1917, no atual Município de São Tiago, adquirindo a Fazenda da Papunça, então de propriedade de um genro do Sr. José Jacinto Lara (ver box) Coube a ele, em companhia de camaradas, destruir parte das senzalas e principalmente do tronco, onde eram supliciados os escravos, situado no meio do curral, composto de dois grossos esteios de ipê. Casou-se duas vezes, tendo 10 filhos do 1º matrimônio e 7 do 2º. Faleceu em São Tiago em 10/11/1965.

(2) Os tropeiros utilizavam-se de vários tipos de cestos para transportes de mercadorias. Os garajaus ou grajaus eram utilizados para a condução de aves vivas, louças, etc. para tais recheados de capim, palha, - as chamadas angarilhas ou fascais - minimizando-se danos à carga transportada. Outras modalidades de cestos eram as canastras, caçuás, aturás, etc. Ver matéria em nosso boletim nº XXII - Julho/2009.

(3) São João del-Rei era - e o foi durante séculos - a cidade pólo da economia regional, um dos pontos de convergência dos tropeiros da região. As alimárias saíam abarrotadas das cidades e fazendas vizinhas, inclusive São Tiago, de inúmeros produtos (manteiga, queijos, polvilho, ovos, carnes, cereais, açúcar mascavo, óleo de mamona, etc.) destinados ao abastecimento de São João del-Rei e dali redirecionados para a região e especialmente a Corte (Rio de Janeiro). Retornavam com cargas adquiridas pelos fazendeiros e comércio das pequenas localidades como tecidos, ferragens, querosene, sal, quinquilharias, bebidas, etc. Os tropeiros faziam também as vezes de correios: levavam e traziam recados, encomendas especiais, em época em que inexistiam rodovias, veículos motorizados e os serviços dos correios, via estafetas a cavalo ou mesmo por estradas de ferro, eram precários.

(4) Um dos maiores adquirentes e destinatários de mercadorias em São Tiago, à época, era o sr. Sabino Ferreira de Resende, empresário que mantinha inúmeros negócios: comércio em geral, hospedaria, padaria, fazendas, etc. Ver interessantes notas de vendas, datadas de 1913 e 1928. (box pág. 6).

(5) O arcão, parte arqueada da sela e provida de hastes de ferro ou madeira, para nelas serem afixadas as canastras, cangalhas etc.

(6) Sobre o Dr. Antonio de Andrade Reis, ver matéria em nosso boletim nº XI - Agosto/2008.

O Cap. José Jacinto Rodrigues Lara (Filho), antigo proprietário das Fazendas da Papunça e Rio do Peixe era filho do Alferes Mór José Jacinto Rodrigues Góes Lara (1800-18/01/1855) e de Dª Ana Maria de Almeida Lara (1793-11/12/1861), casados em 29/07/1825, no Arraial da Lage-Resende Costa. O Alferes mór José Jacinto Rodrigues Lara, pai, era filho de José Rodrigues Souto e Maria Lara; Dª Ana Antonia Maria de Almeida Lara, sua esposa, era filha do Cap. Joaquim Pinto de Góes e Lara e Anna Antonia da Silva.

Tiveram, além de José Jacinto Filho, mais dois filhos: * Joaquim Pinto Rodrigues Lara, casado no ano de 1848 com Maria José de Resende Lara, nascida em 1828 e falecida em 15/05/1891 em Resende Costa e filha do Cap. Antonio Pinto de Góes e Lara e Dª Mafalda Cândida de Rezende. ** Francisco de Paula Pinto Rodrigues Lara, casado com Francisca Cândida de Resende Lara (falecida em 21/07/1873) de cujo consorcio tiveram 5 filhos

O Cap. José Jacinto Rodrigues (Filho) era casado com Dª Maria Luiza Campos Lara, tendo (segundo pudemos apurar) os seguintes filhos: I - Antonio Morel de Campos Lara; II - João de Campos Lara; III - Ambrozina Augusta de Campos Lara Vivas; IV - Antonia de Campos Lara Mourão, casada com o sr. Polibio Mourão; V - Maria Madalena de Campos Lara (Tia Tota); VI - Sinhá, mãe do sr. Wanderley Lara “Sinhô” (Bom Sucesso).



Maria Luiza Campos Lara



José Jacinto Rodrigues Lara

(Informações do Sr. Pedro Coelho Lara e Dr. Jasminor Martins Vivas, a quem muito agradecemos)

TANCREDO NEVES E O BARBEIRO

Dr. Tancredo foi promotor de justiça na terra natal, no início da carreira. Há um caso folclórico, quando, em 1946, fazia campanha para a eleição de deputado estadual. Em viagem a Andrelândia (MG), o político dirigiu-se a uma barbearia.

- O senhor é o Dr. Tancredo Neves? - perguntou o barbeiro após afiar a navalha.

Só aí o candidato reconheceu o réu, a quem, nove anos antes, em São João Del Rei, acusara de assassinar a esposa. O acusado, chamado Jésus, fora condenado a dezoito anos de prisão.

- Cumpri nove anos de prisão e estou aqui com a navalha e o senhor aí, com a barba por fazer...

Tancredo ficou mudo, em pânico. Jésus filosofava, enquanto escanhoava o rosto do cliente.

- Que coisa bonita é um júri, hein, Dr. Tancredo?

Findo o serviço, o futuro presidente da República, que escapara ileso, agraciou o barbeiro com vultosa gorjeta.

(Dr. Rogério Medeiros Garcia de Lima, Desembargador do Tribunal de Justiça -MG - Texto extraído do “Informativo ACI Del Rei, Fevereiro 2012, pág.08).

Interessantes notas de vendas, datadas de 1913 e 1928:

CASA DO NICANOR
ARMAZEM COMPLETO DE SORTIMENTO

O Ilmo. Sr. José Resende
a Nicanor Netto Arcos
N. 3556 Estação de Santa Rita, 7 de maio de 1913

160 Fuijos	12,00	1920,00
Cartão de 160 Fuijos	24,00	4,000
50 gr. de outros	6,00	3,000
9,200		
Do entrego	20,000	229,200
3 sacos	1,500	
4 sacos	1,000	
3 m. grampim	4,500	
Costura café	12,000	
2 P. f. pedras	4,000	
3 P.	1,500	
Máquina de costura	1,000	
Adel	84,000	
1.0	3,600	
2.0	3,000	
1 f. de madeira	400	
1 P. Cash	520	
		324,600
		Pago 4,600

SABINO FERREIRA DE REZENDE
NEGOCIANTE DE
Chapéus, calçados, louças, ferragens, fazendas, armarinho e generos do paiz
Preços da Epoca — Praça da Matriz

28 de Dezembro de 1928
Mo. Sr. José Resende Netto

7/02/19	2	Dois que pidio	50,000
9/02/19	2	vidros de cocho	14,000
		Dois que pidio	115,000
10/02/19	1	rob. de arame	40,000
10/02/19	1	g. suco de chio branco	3,500
10/02/19	1	g. suco de chio	9,000
10/02/19	1	Dois que pidio	10,500
10/02/19	1	bata de foiceida	5,500
Foi a vontade de			250,000
na caderneta esta de			25,000
até o dia 31 de dezembro			1928

AGRADECIMENTO:
Informações,
fotos e notas de
venda nos foram
prestadas pelo Sr.
Antonio Simião de
Resende, filho do
Sr. José Resende,
a quem somos
muito gratos.

O Hospital São Vicente de Paulo

É uma história muito bonita que mostra a força e o idealismo de nossos antepassados para construírem, em São Tiago, o prédio do nosso Hospital.

Uma história que se iniciou em 1.927 pela inspiração de Dr. José Gaudêncio Neto, junto a Dona Maria Umbelina (Maria Pinta) e se juntou aos grandes ideais de Francisco de Paula Lara, Henrique Pereira Santiago, Dantas dos Santos Resende e outros e continua, até os nossos dias, com o esforço de muitos abnegados são-tiaguenses que mantêm, a duras lutas, o Hospital funcionando.

Desejamos reverenciar a memória daqueles que lutaram pela sua construção, inauguração e pelo início de seu funcionamento.

Desejamos também, com este relato, mostrar aos jovens de hoje que o ideal e os sonhos nos movem às grandes realizações. Por isso, não se admite um jovem sem ideal.

Nosso Hospital é o resultado da união daqueles que um dia sonharam e acreditaram em sua capacidade empreendedora.

Ele muito nos serve, dentro de suas possibilidades e limitações, permitindo-nos atendimentos mais rápidos e em nossa cidade, o que é muito bom.

Ai de nós se não o tivéssemos ... porque, mesmo quando se encaminha um paciente para fora é o Hospital que faz os contatos e o encaminhamento.

As diretorias vão se sucedendo e, com bastante dificuldade, continuam a obra e os sonhos dos antepassados.

Na pessoa exemplar do são-tiaguense Sr. Henrique Pereira Santiago, que, durante três décadas, esteve à frente das diversas diretorias pró-construção e fundação do Hospital, como seu Provedor, na sua pessoa, reverenciamos a ele e aos demais guerreiros e bravos conterrâneos das décadas de 1.930, 1.940, 1.950, 1.960 e 1.970 que levaram



a efeito a obra, a inauguração e o início do funcionamento do Hospital.

Na pessoa do Sr. Raul Wilson da Mata, idealista, batalhador e atual Provedor, saudamos os atuais e ex-dirigentes que após a inauguração em 26/07/1.970, cada um ao seu tempo, com as demandas peculiares de cada época, vem dando o melhor de si para a continuidade desta bela obra.

Conheçamos um texto compilado do livro "Notícia Histórica do Município de São Tiago", de autoria do são-tiaguense Dr. Augusto das Chagas Viegas, cidadão íntegro e amante de sua terra, que também contribuiu e participou das atividades pró-construção do Hospital, desde o lançamento da pedra fundamental conforme foto e compilado, também, do 1º Livro de Atas do Hospital.

O texto, a seguir, mostra-nos a saga dos conterrâneos que escreveram esta bela página de nossa história.

"Histórico da Criação do Hospital São Vicente de Paulo"

Em 1.927, por feliz iniciativa de um donativo feito por Dona Maria Umbelina, por intermédio do Dr. José Gaudêncio Neto, e por outros recursos angariados por Francisco de Paula Lara e pequenas outras importâncias já adquiridas, se corporificou a ideia da fundação do Hospital São Vicente de Paulo. No dia 27 de Fevereiro deste mesmo ano, foi realizada uma cerimônia, que contou com grande número de pessoas, para que oficializassem a grande ideia.

Em 1º de Agosto de 1.939, foi organizada uma comissão para regularizar a fundação do Hospital, uma vez que nos últimos anos, através de doações, a importância em reis (moeda da época) somava uma quantia maior. Neste mesmo dia foi constituída a 1ª Mesa Administrativa que era Presidida por Henrique Pereira Santiago; Tesoureiro - João Batista dos Reis, e Procuradores: Srs. José Gaudêncio Júnior, Francisco de Paula Lara, Job Altivo da Mata, Antonio Morel de Campos Lara, João Batista Caputo e Antonio Procópio Resende.

Em 1.949, o Hospital São Vicente de Paulo, foi oficialmente fundado, em Assembléia Geral, realizada no dia 18 de janeiro de 1.949, conforme Registro Nº 3, Livro 1, Folhas de 06 a 09, de 10-03-1.949, em Cartório de Bom Sucesso.

Em 03 de Janeiro de 1.950, reuniram-se os sobreviventes da Comissão formada em 1.939. Infelizmente 03 dos idealizadores já não iam ver o sonho realizado. Então neste dia procederam-se eleição da Mesa Definitiva, que tinha como Provedor o farmacêutico Henrique Pereira Santiago; Secretário - Joaquim Vivas da Mata; Tesoureiro - João Batista dos Reis e Procuradores: José Jacinto Lara, Vicente José Mendes e conselheiros, Antonio Morel de Campos Lara, João Batista Caputo, Antonio Procópio Resende, João Evangelista de Campos, Francisco Lara Filho, Vicente Gaudêncio Júnior, Cincinato Augusto da Mata, Quirino dos Santos Resende, José Machado da Silveira. Foram em seguida discutidos e aprovados os estatutos e tomadas providências para efetivação do grande empreendimento. Nesta mesma reunião, foi declarado pelo tesoureiro Sr. João Batista dos Reis que a importância que haviam depositado no Banco de Minas Gerais S/A, orçava, uma boa quantia até 28 de Agosto de 1.948. Chegaram então à conclusão que já era o momento de dar início à obra. Deliberaram também os presentes, que a construção do prédio deveria ser em um terreno generosamente doado pelo casal Sr. Antonio Procópio Resende e sua esposa Dona Antonia Lara de Resende, uma vez que o terreno se encontrava em localização favorável ao acesso das pessoas.

No dia 07 de Maio de 1.950, às 16 horas, no referido local, o REVMO. SR. Dom José de Medeiros Leite presidiu o ato de lançamento da pedra fundamental do edifício, ao qual, além da Mesa Administrativa, bem como o grande número de pessoas, estiveram presentes os deputados Julio de Carvalho e Augusto Viegas e o Sr. José Resende Santiago.

Começou-se a obra, afim de que se concretizassem em realidade o notável projeto. Desde o início das obras até os seus acabamentos finais passaram pela diretoria 5 Mesas Administrativas.

Finalmente se concretizou o sonho de muitos, estava pronto o nosso Hospital. Amplo e belo, de vastas proporções, espaçosas enfermarias, quartos, consultórios, capela e mais dependências, a fundação do Hospital São Vicente de Paulo, assim denominado, era o fruto da extrema dedicação das Mesas Administrativas, que eram compostas por verdadeiros guerreiros, que se sucederam para a consecução da almejada obra.

Durante alguns anos, o Hospital serviu também como sede do Centro de Saúde.

Para esta realização, através do intermédio de representantes, contaram também com a valiosa ajuda do Dr. Juscelino Kubitschek, Dr. Augusto das Chagas Viegas, dos Deputados Tancredo Neves, José Luiz Bacarine, estes dois com apreciáveis importâncias, e do Deputado Celso Passos com importância ainda maior.

Depois de alguns serviços realizados pela Administração de Monsenhor Francisco Elói de Oliveira, com intensa satisfação, aos 26 de julho de 1.970, realizou-se solene inauguração do Hospital São Vicente de Paulo, em São Tiago-MG. Era justo o entusiasmo de todos, pois era a concretização do sonho de pessoas generosas, de saudosa memória, e do trabalho de devotos são-tiaguenses, que, desde 1.927, se esforçaram pela realização de tão humano e santo ideal. Neste dia houve missa, bênção do prédio e instalações pelo Revmo. Sr. Bispo Diocesano acolitado pelo nosso querido Monsenhor Francisco Elói de Oliveira e banquete às autoridades e aos numerosos visitantes que vinham das cidades vizinhas para as solenidades da inauguração do Hospital São Vicente de Paulo. Foram hasteadas as Bandeiras: Nacional, a Pontifícia e a Estadual e proferida brilhante oração pelo Sr. Maurício Jeferson Pinto, eloquentemente falaram os Deputados Estaduais José Luiz Bacarine e Nelson Lombardi. Falaram também o Pe. Tiago Lara, Dr. Saulo Converso Lara, o Prefeito Raul Wilson da Mata, Mons. Francisco Elói de Oliveira e o Sr. José Resende Santiago, representando Dr. Augusto das Chagas Viegas.

Hoje, nós são-tiaguenses, temos verdadeiro orgulho desses bravos homens, que muito contribuíram para nossa história, não só na construção do Hospital, como também de todo nosso patrimônio. Suas memórias serão sempre lembradas por todos nós pelas suas valentias e heroísmo."

*Maria de Lourdes Rezende (Cairú)
Membro do I.H.G.S.T.*

*Mais detalhes em:
"Notícia Histórica do Município de São Tiago",
Augusto das Chagas Viegas - págs. 67 a 73.*

Importância das ÁRVORES

Deveríamos pensar, mil vezes, antes de derrubar árvores, queimar florestas. Elas são fundamentais, pelo processo de liberação de moléculas (evapotranspiração) na formação de nuvens de chuvas. Obviamente, sem florestas, interrompemos esse ciclo.

São as árvores que contribuem para a retenção de umidade no solo, a manutenção de lençóis freáticos, o afloramento das nascentes por pressão hidrostática. Exercem as árvores igualmente, funções termorreguladoras, influenciando na formação das correntes de ventos e distribuição de nuvens.

Árvores que dão frutos, sombra, abrigo para a fauna e a flora. Embelezam o ambiente. São elas verdadeiros reservatórios genéticos, repositoras de sementes, permitindo a continuidade vital e harmoniosa dos ecossistemas. São responsáveis pela limpeza, recomposição e sanidade do ar que respiramos.

UMA HISTÓRIA, UM POEMA, UM DEVER PARA CASA

Foi no ano de trinta e cinco
Com a idade de sete anos
Que eu, esquecendo do meu pai, o sinto
Tive um grande desengano.
Ao pensar que poderia
Mesmo sabendo que não devia
Ir de encontro às suas ordens
Que eram sempre muito claras,
Para que eu nunca fizesse
Nenhum pássaro prisioneiro,
Mesmo que eu me propusesse
A dar-lhe como morada,
Um belo e espaçoso viveiro!
Porém, tão grande era o meu desejo,
Mesmo que fosse só um tempinho,
De ter em minhas mãos aquele passarinho
Que vivia a rondar o meu terreiro
E que todos o conheciam
Como o Sabiá Trigueiro,
Que não resiste à tentação,
E sem pensar nas consequências
Daquela desastrada ação,
Armei logo o alçapão
No galho de seu pouso preferido,
E fiquei, a distância, escondido,
Esperando pelo resultado da minha traição!
E não demorou muito, lá estava
A pobrezinha ave aprisionada
A se debater com as asas, em vão,
Tentando, de qualquer forma, se libertar,
Daquela súbita e apavorante prisão.
Tomando de grande expectativa
E alegre por realizar meu sonho,
Com cuidado, ao local, me aproximei,
Receoso de que ele pudesse escapar
E apanhado, com cuidado, o alçapão,
Tirei de dentro, o pobre coitado, que,

Já nas minhas mãos, se debatia
Com a falsa ilusão de que poderia
Daquela prisão se livrar!
Só que durou pouco minha ventura,
Porque ali, pertinho de mim,
Estava a me observar a figura
Do meu pai que me ordenava
Que soltasse, incontinentemente,
Aquele pássaro que, para ele,
Já estava doente,
Pela aflição demonstrada
Ao se sentir prisioneiro
Daquela atitude impensada.
Tive “juízo” e obedeci, num instante,
Às ordens do meu pai que,
Naquele momento continuava a dizer
Para que eu desmanchasse o alçapão,
Pois ele não queria que ficasse
Nenhum vestígio da minha condenável ação!
O castigo veio em seguida
E me acompanhou por toda a vida,
Porque tive, no meu “dever de casa”
De decorar, e após quatro dias, declamar,
O poema de Olavo Bilac, “O pássaro cativo”
Que, segundo meu pai, ia servir de alerta
Para que eu, na certa,
- E essa era a intenção do Poeta -
Após decorar o belo poema,
Jamais eu iria repetir aquela dolorosa cena! ...
Obrigado meu pai, pela lição,
E também pela preocupação
Que sempre demonstrou
Ao dar-nos, pelo seu belo exemplo,
As mais sábias e oportunas orientações.

Antônio Ribeiro Jackson
Primavera de 2014